

Nossas almas não respondem às pressas do corpo. As pacientes sementes do amor esperam que se acalme a tempestade da paixão, convertem a urgência numa autorização para agasalhar, comunicar segredos, inventar novas liberdades. Só quem, como nós, com grande esforço e admirável paciência, aumentamos ao extremo nossos desejos, ganhamos em intensidade, tornamos mais profunda a expectativa. Adiados, nos guardamos para as experiências noturnas.

Quero ser a cor dos teus sonhos, quero que me aceites como as tuas melhores lembranças, quero ser tua surpresa, tua nostalgia mais verdadeira, teu agradável interesse, teu universo importante, tua vontade e tua repetição, quero ser tua inspiração, quem te acelere o coração, a respiração e te desfaça os pudores, quero dar sentido ao tempo, ser a cordialidade que te liberta, ser uma marca funda, tua tentação, tutor da tua prudência e autor dos teus gemidos, teu agasalho e teu hábito. Provocador e confessor, quero ser um militante da tua vida, aquele com quem encontres um lugar de paz para o amor se sustentar.

Guardado por uma alma simples, escandalizas pela paciência com que se te vestes desta humildade. Frise-se que encarna uma figura que não aceita habituar-se à caça, nem a soberania de triunfar pequenas camas. Encerrando alguns segredos em lugar seguro torna-se invisível, não recebe visitas.

Tomarei providências. Anuncio algo em voz baixa, quase para calar ou dar razão ao medo e preencher ou definir o vazio, ou então, esperando que se faça o milagre da mútua aceitação e rompam-se as diferenças aviltantes que impedem o amor de se instalar em paz, e com direitos. Infinitamente reproduzido, esse amor sem remorsos absolveria e incentivaria à espera da presença. Basta a espera daquilo que sei nunca chegará, e inclua-se uma visível transparência para que eu possa enxergar a distância e produza uma continua esperança. Assim gesto meus sonhos e verto a emoção.

Com o propósito de sustentar sorrisos, molharei os meus lábios sedentos antes que alguma fuga me contrarie a atenção e te convença a desistir. Afoitamente ofereço, ainda vou inventar um amor que te fale de tudo isso e de muito mais. Continuo na minha insistência de doação procurando o olhar destinado à recepção que possibilite sustentar em ti algum sorriso, alguma esperança de amor que se sustente e substitua teu triste olhar.

A impossibilidade do convívio ensina subprodutos do viver, constrói supérfluas e efêmeras felicidades convencendo-me que algo da vida nasceu mal formado e não depende nem espera as mudanças que proponho.

Muitos dos perdidos não fui eu quem os perdeu, nos desencontramos por aí, sem dar-nos conta dos caminhos divergentes, cada um pelo seu seguindo sua viagem com um caminhar que alarga a demora e atrasa reencontros. Avançando em antigas direções, acostumado a recorrer a essa opção tradicional que não me prepara surpresas.

Ambicioso como um extravagante ingênuo, o amor invade qualquer razão e cria novas dimensões sendo gerador de jogos de paixões inesperadas. Caminhando pela diferença, alguém coincide e me comparte da sua sabedoria.

Frente a tanta consideração, é como se a vida ordenara um tributo a essa que se passa a constituir no nosso maior prazer, que pelo valor intenso impregna de odores as lembranças e as peles que por mais que se lavem mais aderidas se fazem.

Parecendo-me a uma nostalgia, resvalo em vacilo que não reconheço meu, porém logo retomo minha viagem indo a festas, enterros, consultas, esses múltiplos encontros diários confirmando-me que semelhante é aquele que visa melhorar o sorriso, a delicadeza, a certeza na fidelidade do outro, convicto de que vale a pena viver.

Profundos pesares forjam temores. Localizado na fragilidade temporária, não sei fazer frente ao risco que anda livre, invadindo pessoas e coisas determinado que morram de mortes precoces, regulares, sem espanto, como condenados sem reversão, sem sentido, estabilizados no pior apesar de todos os pedidos.

Tenho me mostrado um amigo impaciente, pouco humilde e voraz com sede de amar, mau ouvinte que se exaspera com o discurso não esperado, irresistível, intolerante na exigência de ser ouvido. Deixo de ser solene para impor-me. Na vontade da minha fraqueza anuncio que eu quero saber se veem a cor dos meus olhos, o sentido da minha pele, a espessura do meu sangue. Quero a minha vontade reconhecida e o meu verso autenticado pela leitura anônima e amiga que valide a minha declaração. Porque eu sei viver desacostumado a ter paz, já não me chamo pelo que tenho de melhor. Insisto que a espera me faça absoluto e previsível já o que melhor de mim vive encoberto pelo enunciado, que em geral grita aquilo que de pior tenho.

A maneira difusa como se espalhe nesse universo de vivências põe aura e autentica o adular que se magnifica de simples formas de dizer as sentenças amorosas conhecidas há séculos que reeditadas se inauguram sempre como se fossem inventadas pela primeira vez.

Atividades parasitárias se ocupam em nivelar a nostalgia, a renúncia, a surpresa, a desigualdade, a injustiça e o ressentimento.

Persiste o anúncio de uma novidade. Reconheço que não posso fugir do propósito de promover alegrias inesperadas, misturando agradecimentos e obrigações. Tenho poderosas razões para te interessar. Limito-me a contemplar. Ainda não sei para onde dirigir os louvores. Vivências precedentes indicam sempre altas doses de prudência. Fazer-nos admitidos exige considerarmos certa habituação.

Anuncio uma imensa quantidade de afetos guardados junto à minha fronteira mais dolorida, embora escondidos, possíveis de encontrar, mais pelo vício da solidão do que por convicção. Nunca me acostumei a falta de abraços.

Venho juntar-me a ti para legitimar coisas possíveis, estender os fios para saber se posso ancorar no mesmo lugar teu. Transporte vinho, azeitonas, adiadas esperanças, venho de caminhar por um semiárido, com o sal na boca, vertendo doces líquidos desobedientes que entram e saem por suas próprias vias denunciando-me vivo, senhor da minha vontade de te amar. Minha pele se estira, deixa escorrer o peso, por onde escoam gentis promessas. Nelas a liberdade se associa a todos os negócios, acordos, paixões, matérias sérias e obrigatórias, diariamente atualizadas, obrigada por interesses e necessidades.

Venho para dirigir meus passos, vestígios do caminho das pedras. Não tivesse deixado marcas nada haveria. Sempre escolho um caminho secundário, disseram-me o mais seguro. Levo comigo algumas histórias que provam o contrário.

Atento aos anexos vinculados, observo por onde caminham teus olhos, como tocas com tuas mãos, se resgatas ou vetas, se disfarças ou confessas, se permites sombras ou brilhas sozinha, se aceitas meu sim e meu não, se vais e voltas, se gozas e me deixas gozar, se calas e falas, se me legitimas ou anulas, se te abrigas na melancolia ou promoves alegrias, se me acolhes ou mudas os rumos, se por precaução duvidas ou por convicção consentes, se atas ou desatas meus nós, se és âncora ou timão, farol ou passageira, mel ou limão?

Junto a ti minha vida impregnou-se de temidas despedidas, sem que acabasse o desfile de todos os meus desejos. Resgato uma habilidade antiga para realizar humildades. O restante administro. Com algumas dores autônomas recrio a vida com preferências, com novidades. Trato dos rigores da vida com a precisão que eles merecem. Faltam-me ainda muitos medos por viver.

Agudizadas as desconfianças, as tentações de organizar fugas se expandem. Posso contar que a verdade se fez nua e crua. Dispensio invenções, ela é mais do que minha imaginação possa conceber.

Ainda que eu possa viver permanentemente à margem, faço algumas confidências, acredito que terei alguma recompensa na acolhida.

As fantasias, as farei comuns, desanimadoras. Negarei a renúncia, omitirei cumplicidades. Caso não me queiras darei um tom amistoso ao consolo, tentarei minimizar a importância.

Reconheço as fracas resistências durante as quais uma âncora grita insistentemente pela tua permanência. As somas, cada vez mais escassas oscilam em te ver entre a versão e a diversão. Pouco importa dizer sobre essas coisas do prazer, do sofrer; não me pertences exclusivamente, sois do mundo. Faço-me novas recomendações sem exigir-me o êxito. Não sei se me será útil incluir o meu testemunho de que não me basto. Decido extrapolar, me cansa a sensatez, me convido a passar o resto dos meus dias tentando, alimentando os personagens que me fazem a memória viva. Esquecer nunca foi meu propósito.

Tão abundante e precioso encontro perdeu-se nas ilusões reduzidas às carências ávidas de acolhida.

Quando a primavera explode em ti, anula esse inverno que há em mim. Mesmo que se imponha um frio sem nexos, nada sabendo dele, porque razão meu desavisado corpo se expande em graças e flores? Incauto, espalho esperanças no meio desta tua natureza. As habilidades e nossos interesses ficam postos a prova.

Tenho a convicção que a esses olhares teus os terei que organizar, um por um, para que eles me iluminem os caprichos do acaso. Há certas certezas a descobrir. Amando atento, resguardo o que me resta de inocência, vejo

prosperar uma forte ligação entre o cuidado e o desfalque. Trato aos rigores da vida com a precisão que eles merecem.

Deliciosas fantasias vieram tumultuar a minha alma. Corro o risco de em teus braços não alcançar o empenho, a dedicação e o reconhecimento, não conseguir excitar esses canais navegáveis, não ser reconhecido, nem tão completa e admiravelmente acolhido em minhas pretensões. Ficar retido nas ressacas, nos refluxos, inacessível nesses rios marginais que escoam minhas intenções declaradamente.

Acautelado como se não quisesse mudar, uso argumentos. Convido-te a repetir as intimidades. Para aonde irá o amor que te entrego na intimidade total? Convido-te a que seja recíproco, dar-te o encanto do meu apego. Se fores, então, quem resgatará os meus desejos?

Sempre emergem controladas indignações aproximando a carne despreparada e a alma condicionada. Apanhar incautos é fácil, difícil é evitar esta destruição. Abundam convites nas camas e nas mesas, se acrescentarmos o pouco que custa apanhar, não nos admirará em aceitar a extinção e em desacreditar no semelhante.

Esse amanhecer que se aproxima provoca escândalo nas minhas mal distribuídas lembranças. Exorta uma alegria desafinada com a demora. Busco um viver frequentado. Encho de jasmims todos os canteiros que ousem ficar por perto, recolho os arquivos mortos sem violar as leis fundamentais, arranco a melancolia do crônico lugar, animo o passado para haver outra vez, uma vontade caudalosa precipitada fazendo corrente com o desejo de viver sem poupar a vida.

Debaixo das tuas carícias dou voltas, dentro da tua nudez molho as nostalgias, rica e serenamente. Vivo encantado por haver conhecido teus planos, teus

ângulos, graça e cor. A emoção que alcancei viver, não precipitada, deu-me forças para ter outras esperanças de ganhar tua admiração. Angário esse tempo ganho, os resultados obtidos, a alegria adquirida, a astúcia aprendida, a dominação cálida e pertinente, o favor providencial, o galope, a doma, o vulto, a sombra, a orla e a borda.

Diz-me que se pode sonhar, que se pode esperar, seguir buscando até encontrar. Diz-me que posso anunciar que a tristeza vem e vai, dói até o fim, até acabar. Diz-me que haverá um limite até para o pior, que as promessas podem ser esquecidas e que o perdão funciona. Que há respostas e saídas, que os planos funcionam e o silêncio fala. Que os esquemas falham e o amor abriga. Diz-me que eterno; nada, e que quanto menor a pressa maior a perda. Diz-me que os sorrisos ainda valem, abrem portas, que o grito acorda o medo e a devoção convida ao sacrifício. Diz-me onde encontro a guia que me dirija a coisas novas, onde tenha pouco a perder e possa comer e me hospedar.

Nada se compara ao amor, ao antes e ao depois de dormir sob a tua sombra.